



EDUCAÇÃO PELA ESTÉTICA EM VOLTAIRE: UMA APRESENTAÇÃO À *EDUCAÇÃO DAS MENINAS*

Vladimir de Oliva Mota
Doutor em Filosofia (USP)
Professor do Departamento de Artes Visuais (UFS)
Email: deolivamota@hotmail.com

RESUMO: Voltaire considera sua época como num processo de declínio civilizatório; face a tal diagnóstico, o filósofo põe-se em combate em nome do aperfeiçoamento moral da humanidade, sua maior preocupação. Para tal, Voltaire recorre à educação pela estética como instrumento eficaz àquele fim. O que aqui se propõe é analisar a ideia de educação pela estética e indicar o diálogo *Educação das meninas* como um texto no qual Voltaire não apenas propõe esse modelo de educação como, a um só tempo, a põe em prática.

PALAVRAS-CHAVE: Educação pela estética, *Educação das meninas*, Voltaire.

ABSTRACT: Voltaire considers to be living an age characterized by the decline of civilization. In the face of this diagnosis, the philosopher engages in a combat for the moral improvement of humanity, his major concern. For that purpose, Voltaire resorts to aesthetic education as an effective tool. The objective here is to analyze the idea of aesthetic education and suggest that the dialogue “Education of girls” is a text in which Voltaire not only proposes this model of education, but also put it into practice.

KEYWORDS: Aesthetic education, *Education of girls*, Voltaire.

O desejo de Voltaire de corrigir a moral, prioridade da reflexão voltairiana, origina-se de um diagnóstico de sua época. Desde seus primeiros textos, como por exemplo, a *Ode sur les malheurs du temps*, de 1713, até obras mais tardias, como *Des singularités de la nature*, de 1768, Voltaire repete seu descontentamento com os costumes do século XVIII. Mas não só com os de sua época, excetuando poucos períodos da história da humanidade, ele considera que a maior parte dessa história é um conjunto de crimes, violências etc..

Des singularités de la nature é um bom exemplo da primazia dos problemas morais no pensamento voltairiano: trata-se de uma obra cujo conteúdo são as ciências, mas se observa na parte final do texto, mais exatamente nos últimos parágrafos do capítulo XXXVIII, Voltaire constatar que “todos os povos estão doentes em moral”. (VOLTAIRE, 1999-2015) Consequentemente, os governos sofrem do mesmo mal:

Mas o quê! Responderá um homem comum, estava-se melhor no tempo dos Gódos, dos Hunos, dos Vândalos, dos Francos e do Grande Cisma do ocidente? Respondo que estávamos piores. Mas digo que os homens que estão hoje à frente dos governos, sendo muito mais instruídos do que se eram então, é vergonhoso que a sociedade não seja aperfeiçoada na proporção das luzes adquiridas. Eu digo que essas luzes são ainda apenas um crepúsculo. Saímos de uma noite profunda e esperamos o grande dia. (VOLTAIRE, 1999-2015)

Assim, Voltaire percebe que muito tem a ser feito contra os maus costumes. Ele constata a desproporção entre o progresso das luzes teóricas em detrimento das morais e isso o levou a considerar como uma tarefa da filosofia o combate para dirimir essa desproporção, propagando o uso esclarecido da razão, ensinando, e aqui se trata de um pressuposto extraído de sua ética, que há no homem uma lei moral cravada em seus corações, que, para reconhecê-la, basta raciocinar corretamente e que o quadro social pode se alterar porque no âmbito da história, diz o filósofo: “[...] tudo muda e tudo parece se contradizer.” (VOLTAIRE, 2006, p. 283)

Ao identificar as Luzes como um postulado moral que dirige o mundo, que pretende organizar a sociedade, etc., seus autores pretendiam influenciar os costumes e poucas vezes na história se percebeu tamanho êxito. A filosofia exerceu sobre os destinos da França no

século XVIII uma influência talvez única na história, como explica Léon Fontaine:

Ela penetrou profundamente nos espíritos, transformou os costumes, ensinou novos princípios de governo e contribuiu para uma parte considerável da preparação do maior evento dos tempos modernos. [...] Examinando em torno deles, os costumes, as instituições, as leis, eles querem comparar, discutir, destruir os preconceitos e os abusos, enfim, reconstruir a sociedade sobre um plano traçado pela filosofia. Na França, diz Madame de Staël, não se ocupa quase nunca com as verdades abstratas senão com sua relação com a prática. (FONTAINE, 1879, p.01)

Porém, seria necessária uma orientação para o combate, seria preciso uma estratégia de luta, um caminho de como as verdades morais podem tocar os corações dos homens e, dessa forma, influenciá-los à sua educação e à correção de suas ações. Denominaremos esse caminho de educação pela estética, aqui entendida, seguindo o norte indicado por Denys Riout, na seguinte perspectiva:

A comunhão dos homens no prazer estético constitui uma via, permitindo a superação das tensões que não deixam de se estabelecer entre os apelos dos maus instintos e as sugestões da razão. [...] A educação estética é então um verdadeiro instrumento de progresso político. (RIOUT, 2010, p. 667)

Essa perspectiva de educação pela estética pode ser encontrada em uma das mais célebres obras do século XVIII francês: *As cartas persas* de Montesquieu, de 1721. Aqui interessa duas passagens deste romance epistolar, mais exatamente as Cartas 10 e 11: Na Carta 10, Mirza escreve ao seu amigo Uzbek solicitando a solução de um problema moral, a saber: são os prazeres e a satisfação dos sentidos que tornam os homens felizes, ou a prática da virtude? Na Carta 11, em resposta ao seu amigo, Uzbek não o faz diretamente, ou seja, não responde prontamente à questão, mas elabora uma história da qual deve ser extraída a solução do problema que lhe foi proposto. Interessa, sobretudo, a explicação dada pelo missivista por ter adotado tal estratégia como forma de atender à solicitação do amigo, diz Usbek:

Para cumprir o que me solicitas, não considere que devesse recorrer aos arzoados mais abstratos: com certas verdades, não basta persuadir; é preciso, além disso, fazer sentir. São dessa espécie as verdades morais. (MONTESQUIEU, 2005, p.26)

Essa foi a direção tomada por parte dos filósofos setecentistas franceses, sobretudo Voltaire, com o propósito de combater pelos costumes. Esse procedimento que envolve razão e fábula é assim explicado por Franklin de Matos:

Como numa certa tradição que remonta à Grécia (aos diálogos de Platão, por exemplo), aqui há lugar para uma aliança entre *lógos* e *mythos*, razão e fábula. A lição não é nova, mas está no fundo da mais espantosa diversificação da expressão filosófica que jamais se conheceu: no século XVIII, a filosofia se acomoda não apenas ao tratado rigoroso, mas também ao diálogo, ao romance, ao conto, à carta, ao ensaio, à peça de teatro, ao verbete de dicionário. Tal diversificação exprime a certeza de que a filosofia não deve ser uma controvérsia entre especialistas, mas intervenção nos destinos da cidade, na vida e na felicidade dos homens. (MATTOS, 2001, p.196)

Qual seria a razão pela qual os autores das Luzes optaram por recorrer às letras com o fim de que seus preceitos morais não apenas persuadissem seus leitores, mas os fizessem mesmo “sentir”, como havia indicado Montesquieu? D’Alembert, no *Discurso preliminar*, sugere uma resposta. Ao tratar das maneiras diferentes pelas quais o espírito opera os objetos conhecidos, isto é, das maneiras pelas quais o entendimento é afetado e dos diferentes julgamentos que a alma faz de suas ideias, o enciclopedista expõe quatro termos que designam esses julgamentos, são eles: evidência, certeza, probabilidade e sentimento. A evidência pertence propriamente às ideias cuja ligação se percebe imediatamente; a certeza também pertence às ideias, mas suas ligações somente podem ser conhecidas mediadamente, ou seja, com a mediação de outras ideias intermediárias; a probabilidade está relacionada, sobretudo, para os acontecimentos aos quais atribuímos uma espécie de acaso porque, por alguma razão, não se distinguem suas causas, diz d’Alembert: “A parte desse conhecimento que tem por objeto o presente e o passado, embora somente esteja baseado em simples testemunha, produz frequentemente em nós uma persuasão tão forte quanto a que nasce dos axiomas”. (D’ALEMBERT, 1989, p.47) Quanto ao sentimento, o filósofo explica que se trata de duas espécies: o sentimento destinado às verdades morais e o sentimento destinado às belezas de expressão. Os sentimentos destinados às verdades morais são também chamados de consciência, isto é, uma consequência da ideia própria do homem de bem e de mal e, por essa razão, é possível atribuir a esse julgamento da alma o caráter de “evidência do coração”, pois, explica d’Alembert, “mesmo sendo diferente da

evidência do espírito ligada às verdades especulativas, ele [o sentimento] nos subjuga com o mesmo domínio”. (D’ALEMBERT, 1989, p. 47) Acerca do sentimento destinado às belezas de expressão, trata-se da alma apreender com arrebatamento as belezas sublimes e impressionantes, distinguindo com finura as belezas escondidas e proscrevendo o que somente tem a aparência do belo¹

Na direção de Montesquieu – acerca da ideia de que as verdades morais devem ser sentidas – e de D’Alembert – a respeito da análise do sentimento destinado às verdades morais e do sentimento destinado às belezas de expressão –, encontra-se a tese voltairiana para explicar o uso que faz de sua pena com o fim de combater pelo aperfeiçoamento dos costumes, fazendo sentir a lei moral.

O combate em Voltaire é aqui entendido num duplo movimento: por um lado, como crítica e polêmica a tudo o que pareça um obstáculo à felicidade dos homens: todas as formas de tirania, o dogma, a superstição, o fanatismo, a intolerância...; por outro, como divulgação de ideias de modo a contribuir para a reforma dos costumes do seu tempo, agindo sobre as paixões de seus leitores e espectadores. Pois, segundo Voltaire, sendo a felicidade sobre a terra dependente da virtude, sem esta não é possível aquela, o filósofo luta para esmagar a infame, isto é, toda forma de obscurantismo, de espírito de sistema e de opressão que coloca fim à felicidade humana. Mais especificamente, o filósofo identifica a raiz da infame, combatendo pela causa dos males morais, a saber: o mau uso das paixões. Estas, embora Voltaire reconheça a impossibilidade de eliminá-las, pois são parte constituinte da condição humana, devem ser controladas pela razão livre e esclarecida porque, sendo as paixões o motor das ações, caso não sejam orientadas pela razão, os costumes corromper-se-iam, a virtude perder-se-ia, a felicidade sobre a terra tornar-se-ia inviável. Assim revela-se a dupla face do combate: “destrutivo” e “construtivo” a um só tempo.

Filosofia e combate não são termos excludentes na obra de Voltaire, ao contrário, o segundo deriva do primeiro. O combate em Voltaire, enquanto resultado de um pensamento elaborado, é parte constitutiva de sua filosofia, pois é desta o meio necessário que possibilitaria o fim da sua filosofia, a saber: a felicidade. Em Voltaire, o combate é a

¹ D’Alembert conclui dizendo que é a esse tipo de sentimento que se deve o gosto e o gênio, “diferentes um do outro pelo fato de ser o gênio o sentimento que cria e o gosto o sentimento que julga”. (D’ALEMBERT, 1989, p. 47.)

manifestação de seu pensamento filosófico, é um elemento essencial de uma filosofia centrada na imanência, que limita as condições do conhecimento humano a um círculo estreito, mas que se quer útil, que encontra sua justificativa, sua finalidade, ao tentar contribuir para o aperfeiçoamento dos costumes, única via à felicidade terrena. É neste sentido que alguns especialistas de sua obra definem a sua filosofia como aprendizado, como educação; (GOLDZINK, 1994, p.136) consideram Voltaire como um “reformador dos costumes”, (ASCOLI, 1924, p.684) como alguém que usou sua pluma para “formar os espíritos”, (CHANFRAULT, 1995, p.461) enfim, como “educador da Europa”. (BOISDEFFRE, 1978, p.132)

O século XVIII desenvolve uma ampla reflexão pedagógica e sua literatura apresenta-se em boa parte dos escritos filosóficos. Acerca dessa “explosão da reflexão pedagógica”, assevera Stéphane Pujol:

Nunca antes esses problemas seriam impostos com uma urgência semelhante, jamais com uma tal universalidade. Todos os grandes pensadores são conduzidos a tomar partido no debate, desde Locke até Diderot e Kant, e a literatura pedagógica compreende certas obras-primas do século: o *Emílio* de Rousseau (1762), a *Educação do gênero humano* de Lessing (1777-1780), as *Lettres pour la promotion de l'Humanité* de Herder (1793 e seguintes) ou ainda as *A educação estética do homem* de Schiller (1795). A educação ocupa uma posição privilegiada no espaço mental porque o pensamento das Luzes, em sua essência, visa à reforma do homem e da humanidade. Até o século XVII, a educação só tinha possibilidades restritas; no século das Luzes, se os contemporâneos tinham a impressão de viver num século da educação, é que tudo parecia possível a essa disciplina. (PUJOL, 2014, p.129)

Voltaire insere-se como um dos principais divulgadores dessa tradição segundo a qual tudo é possível à educação ou, se não tudo, ao menos, nada se pode sem ela. Um exemplo do combate filosófico pela reforma dos costumes e autonomia do indivíduo, fim último da educação em Voltaire, é o diálogo *Educação das meninas*, escrito em 1761. Neste texto, Voltaire narra um diálogo entre duas personagens, Mélinde e Sophrone, acerca de Éraustes², que é apresentado por Mélinde como um excelente pretendente à marido de

² Possivelmente, os nomes das personagens “Mélinde” e “Éraustes” foram extraídos da comédia *La femme d'intrigues* (1710) de Florent Carton Dancourt (1661-1725), a quem Voltaire elogiava no âmbito do que considera o fácil gênero da “Farsa”. A esse respeito, ver: (VOLTAIRE, 2000, p. 1154). Quanto a “Sophrone”, este termo é de origem grega, significando sanidade mental, prudência, sensatez... expressões que traduzem a

Sophrone. Contudo, esta, admitindo algumas qualidades de Éraste, nega a possibilidade de desposá-lo por temer ser por ele tiranizada. Espantada com a racionalidade da decisão de Sophrone, cujo temor de um mal futuro a faz evitar um bem presente, Mélinde questiona sua interlocutora sobre como lhe foi possível um tal império sobre si mesma, isto é, uma tal autonomia? De pronto, Sophrone responde que tal império sobre si mesma ela o deve à educação que recebeu, que a possibilitou agir por “vontade livre”³.

É explícito, em *Educação das meninas*, a pretensão de Voltaire em expor um modelo de educação que possibilite a autonomia e, simultaneamente, praticar tal modelo. Este modelo é a educação pela estética, elemento central em toda obra voltairiana. Nesse diálogo, Voltaire toma como o alvo, ao mesmo tempo, o sentimento destinado às verdades morais e o sentimento destinado às belezas de expressão, e o elemento a unificar esses dois sentimentos é a ideia de sublime. Para esse filósofo, o sublime está ligado à moral, trata-se do sentimento que se experimenta diante de um gosto de uma generosidade excepcional, unificando a humanidade. Explica Sylvain Menant acerca do sublime em Voltaire:

No sublime, todas as civilizações, todas as raças, todas as épocas se reencontram: esse sentimento está, portanto, na base de uma literatura que se quer universal. Esse ponto da estética de Voltaire encontra uma ideia central de sua filosofia: a crença numa moral universal presente no coração de todos os homens. (MENANT, 1995, p.47)

Por um lado, a *Educação das meninas* é a prática do modelo da educação estética, pois faz uso da beleza de expressão para fazer sentir as verdades morais. Trata-se de um diálogo, gênero a um só tempo literário e filosófico. O diálogo curto, ao qual Annick Azerhad refere-se como “estética da brevidade”, pretende uma palavra justa, econômica, utilizada adequadamente para encontrar a verdade na vida prática. (Cf.: AZERHAD, 2010) O estatuto dos diálogos voltairianos remete, portanto, diretamente a considerações estéticas, diz Nicholas Cronk: “Nesses diálogos, Voltaire transforma em drama a marcha do raciocínio [...] e o leitor se encontra em posição de espectador privilegiado”. (CRONK, 2015, p.74) Com o diálogo *Educação das meninas*, um dos tantos gêneros utilizados pelo filósofo, Voltaire se serve da forma para persuadir didaticamente acerca do tema da educação.

ação dessa personagem no diálogo em tela.

³ Sobre “vontade livre” em Voltaire, ver: (MOTA, 2015)

Recorrendo ao sentimento destinado às belezas de expressão, como já foi dito, uma das maneiras pelas quais o espírito opera os objetos conhecidos. Em *Educação das meninas*, Sophrone expõe as consequências nefastas à autonomia que algumas instituições educativas de seu tempo produziam: o convento, a ama-de-leite, a maioria dos colégios; instituições nas quais as meninas eram jogadas e onde enterravam “na estupidez os seus belos primeiros dias”. (VOLTAIRE, 1995, p.444) Elas fogem da prisão apenas para ser prometida a um desconhecido, que olham como libertador, mas que logo se arrependem de um negócio feito sem sua escolha.

Por outro lado, a *Educação das meninas* indica a educação pela estética como uma via à autonomia. Além da instrução familiar que possibilita às meninas pensarem por elas mesmas, escolherem por elas mesmas, conhecerem a sociedade na qual serão inseridas, perceberem as artimanhas dos vaidosos e pretensiosos, essa instrução deve, para ser desenvolvida e levada à finalidade da autonomia, conduzir à arte, mais exatamente, aos espetáculos. Para Voltaire, o teatro inspira o gosto sem corromper os costumes, expõe os perigos das paixões, ensina a pensar e a se exprimir, é “a escola da grandeza da alma”. (VOLTAIRE, 1995, p.445) O teatro, no século XVIII francês, e na obra voltairiana, apresenta-se como um poderoso instrumento de propaganda porque amplia significativamente o alcance das Luzes, em geral, e de Voltaire, em particular. O teatro alcança as pessoas que desprezam os grossos livros e a massa que nunca lê⁴. Além disso, o teatro é para Voltaire um poderoso instrumento de educação, pois instrui mais do que os livros, adocicando os costumes:

Que les Athéniens étaient un peuple aimable!
 Que leur esprit m’enchante et que leurs fictions
 Me font aimer le vrai sous les traits de la fable!
 La plus belle à mon gré de leurs inventions
 Fut celle du théâtre, où l’on faisait revivre
 Les héros du vieux temps, leurs mœurs, leurs passions.
 Vous voyez aujourd’hui toutes les nations
 Consacrer cet exemple et chercher à les suivre.
 Le théâtre instruit mieux que ne fait un gros livre.
 Malheureux esprits faux dont la sottise rigueur
 Condamne⁵ parmi nous les jeux de Melpomène!⁶

⁴ A esse respeito, ver: (FONTAINE, 1879).

⁵ Alusão à Genebra calvinista

Dessa forma, a filosofia voltairiana recorre à arte, às belezas de expressão, como instrumento de combate com o fim de elevar aquele que lhes é leitor, espectador..., isto é, engrandecê-lo moral e intelectualmente. Embora o belo provoque “prazeres desinteressados”, esse desinteresse é em relação ao que dá prazer e não em relação à função do belo. A beleza de expressão tem função pedagógica e é nesse sentido que Voltaire faz uso e propõe a educação estética como meio de tornar a humanidade melhor.

REFERÊNCIAS

- ASCOLI, G. Voltaire (I). In: *Reveu bimensuelle des cours et conférences*. n.8, v.25, mars. Paris, 1924.
- AZERHAD, A. *Le dialogue philosophique dans les contes de Voltaire*. Paris: Honoré Champion, 2010.
- BOISDEFRE, P. Voltaire est-il un philosophe? In: BLUCHE, F. (et.al.). *Voltaire*. Paris: Hachette, 1978.
- CHANFRAULT, M.F. Éducation. In: GOULEMOT, J. (et.al.). (dir.). *Inventaire Voltaire*. Paris: Gallimard, 1995.
- CRONK, N. Les dialogues de Voltaire: vers une poétique du fragmentaire. In: *Revue Voltaire: les dialogues philosophiques*. n.5, Paris: PUPS, 2015.
- D’ALEMBERT, J. R. Discurso preliminar. In: D’ALEMBERT, J.R; DIDEROT, D. *Discurso preliminar e outros textos*. Tradução Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Ed UNESP, 1989.
- FONTAINE, L. *Le théâtre et la philosophie au XVIII^e siècle*. Paris: Cerf et fils, 1879.
- GOLDZINK, J. *Voltaire entre A et V*. Paris: Hachette, 1994.
- MATTOS, F. Filosofia em forma de romance. In: *O filósofo e o comediante: ensaio sobre literatura e filosofia na Ilustração*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2001.
- MENANT, S. *L’esthétique de Voltaire*. [S.l.]: Sedes, 1995. (Collection “Esthétique”).
- MONTESQUIEU. *Cartas persas*. Tradução Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Nova

⁶ “Como os atenienses eram um povo amável!/Como seu espírito me encanta e como suas ficções/Me fazem amar a verdade sob a fábula!/A mais bela, a meu ver, de suas invenções/Foi a do teatro, no qual se fazia reviver/Os heróis dos velhos tempos, seus costumes, suas paixões./Você vê hoje todas as nações/Consagrar esse exemplo e procurar segui-lo./O teatro instrui mais do que grossos livros./Infeliz dos espíritos falsos cujo tolo rigor/Condena entre nós as inspirações de Melpômene”. (VOLTAIRE, 2008. p. 85)

Alexandria, 2005.

MOTA, V.O. Providência e Liberdade em Voltaire. In: *Quadranti – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea*. Salerno. v.3, n.1-2, 2015. Disponível em <<http://www.rivistaquadranti.eu>>. Acesso em: 12/08/2017.

_____. *Voltaire e a crítica à metafísica: um ensaio introdutório*. Aracaju: EdUFS, 2010.

PUJOL, S. Educação e emancipação no horizonte das Luzes. Tradução Vladimir de Oliva Mota; Christine Arndt de Santana. In: *Cadernos de Ética e Filosofia Política*. Revista do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. n.25, São Paulo, 2014. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/cefp/issue/view/6778> >. Acesso em: 12/08/2017.

RIOUT, D. Éducation. In: SOURIAU, Étienne. (org.). *Vocabulaire d'esthétique*. Paris: PUF, 2010.

VOLTAIRE. À M.***. In: _____. *Lettres philosophiques; Derniers écrits sur Dieu*. Paris: Flammarion, 2006.

VOLTAIRE. Des singularités de la nature. In: *Oeuvres complètes de Voltaire*. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. VOLTAIRE-INTEGRAL. CD-ROM, 1999-2005.

VOLTAIRE. L'éducation des filles. In: _____. **Mélanges** (Bibliothèque de la pléiade). Paris: Gallimard, 1995.

VOLTAIRE. Le siècle de Louis XIV. In _____. **Œuvres historiques** (Bibliothèque de laPléiade). Paris: Gallimard, 2000.

VOLTAIRE. Les trois manières. In: _____. **Ce qui plaît aux dames et autres contes galants**. Paris: Babel, 2008.